

está me fornecendo os pensamentos e que eu estou apenas grafando o que é ditado... Entretanto, talvez eu faça a mesma coisa, suprimindo outras pessoas, inconscientemente, com impulsos... Com certeza, a telegrafia mental é uma indústria que está sempre em silenciosa atividade — mais com freqüência do que raramente, talvez quando nós não suspeitamos que ela está afetando os nossos pensamentos... Eu imagino que apanhamos a maioria dos nossos pensamentos tirando-os da cabeça de alguma outra pessoa, por meio da telegrafia mental — e nem sempre da cabeça de nossas relações mas, na maioria dos casos, da cabeça de estranhos...”

Um exemplo extraordinário de transferência de pensamento foi o caso do jornalista da cidade de Virgínia, William H. Wright. Os filões de prata, do Estado de Nevada, estavam nos noticiários e os editores de Twain sentiram que o momento estava maduro para um livro sobre esse assunto. Twain pensou em Wright como sendo o homem indicado para escrever o livro e, no dia dois de março, rascunhou uma carta interessando-o no assunto e delineando o livro, em detalhes. Ocorreu-lhe, então, que se o livro fosse escrito por sugestão sua e nenhum editor o aceitasse, ele ficaria ~~na~~ posição desconfortável. Assim sendo, enfurnou a carta até o momento em que pudesse informar-se com seu editor.

Uma semana mais tarde, no dia nove de março, três ou quatro cartas chegaram pelo correio; uma delas era de Wright. Twain disse a um parente que ali estava, de visita: “Agora eu farei um milagre. Direi a você tudo quanto esta carta contém — data, assinatura e tudo o mais — sem quebrar o selo. Ela vem de um Sr. Wright da cidade de Virgínia, em Nevada, e está datada do dia dois de março — sete dias atrás. O Sr. Wright propõe-se escrever um livro sobre as minas de prata e a ‘Grande Prosperidade’, e pergunta o que eu, como amigo, penso dessa idéia. Ele diz que seus temas serão tais e tais, que sua ordem e seqüência será tal e tal e que encerrará com uma estória da principal característica do livro, a ‘Grande Prosperidade’.” Twain, então, abriu a carta: Ele havia declarado a data e o conteúdo, corretamente. A mensagem do Sr. Wright retratava o conteúdo da carta do próprio Twain, que por sete dias ficara enfurnada na sua gaveta.

Um fenômeno similar ocorreu numa noite de verão, em Washington, distrito de Colúmbia. Tendo-se registrado no

Hotel Arlington, Twain permaneceu em seu quarto até as dez horas, fumando e lendo. Daí, então, decidiu sair para dar uma caminhada a pé, embora estivesse caindo uma chuva leve. Twain sabia que um amigo, o Sr. O., estava na cidade e desejava vê-lo, mas não sabia onde ele estava hospedado. Lá pela meia-noite, ele parou numa tabacaria, escutou a conversa do vendedor durante quinze minutos e depois fez esta profecia para si mesmo: “Agora eu sairei por esta porta, virarei à esquerda, andarei dez passos e encontrarei o Sr. O. — cara a cara.”

Ele recordou: “Consegui isso, também! Eu estava bem dentro da tabacaria quando enunciei a minha profecia; caminhei cerca de cinco passos até a porta, abri-a, fechei-a atrás de mim, desci uma escada de três degraus até a calçada, depois virei para a esquerda, caminhei quatro ou cinco passos mais e encontrei o meu homem. Não pude ver o seu rosto porque ele estava oculto sob um guarda-chuva e, de qualquer modo, estava bastante escuro, mas ele interrompeu o homem com quem ia caminhando e conversando, e eu o detive quando reconheci sua voz. Que eu pudesse sair para a rua e tropeçar com o Sr. O. — não era nada, mas eu saber, de antemão, que ia fazer isso, foi considerável.”

Logo depois que Twain entrou para a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, em mil oitocentos e oitenta e cinco, seu interesse pelos fenômenos psíquicos foi intensificado pela morte trágica de sua filha Susy, de vinte e quatro anos de idade. Ela passara as suas duas últimas semanas de vida caminhando pelo seu quarto, mergulhada em dores e em delírio, ficara cega e morrera depois de ter estado em coma por dois dias. Depois da sua morte, Twain reviveu cada lembrança terrível, “provei a dor e a vergonha de cada uma e usei-as em todos os dias e em todas as noites, em rituais de auto-acusação”. Este doloroso período da vida de Mark Twain é descrito pelas palavras do seu biógrafo, Justin Kaplan:

“O que Clemens [Twain] procurava desesperadamente era algum sinal de que, antes de morrer, ela o tivesse tido em seus pensamentos, tivesse falado dele com orgulho ou amor. ‘Fico pensando se ela deixou alguma pequena mensagem para mim’, escreveu ele, para Livy [sua esposa, Olívia], implorativamente. ‘Eu não era merecedor disso.’ Ele quis que tudo o que estava relacionado com os últimos dias da vida dela fosse conservado,